

A Bíblia e a Igreja: Visitando Novamente o Óbvio

Elias Brasil de Souza

Desde o seu princípio, a Igreja Adventista do Sétimo Dia esteve comprometida com a Bíblia e a Bíblia somente estabelece seu sistema de crenças e sua missão. A Bíblia também desempenhou um papel principal no ministério profético de Ellen White e na orientação do movimento Adventista através de alguns tempos desafiadores de tumulto teológico. A corrente cultural, intelectual e as circunstâncias sociais indicam que enquanto a igreja se move em direção ao futuro, sua posição sobre a autoridade Bíblica enfrentará desafios crescentes de todos os lados. Controvérsias teológicas, dilemas éticos e exigências culturais em ritmo crescente forçarão a igreja – em meio aos tumultos do criticismo, dúvida e pressões sociais – a tomar uma posição clara sobre questões cruciais. Dado o realismo deste cenário, alguém poderia perguntar: Como a igreja pode sobreviver? Como a igreja pode preservar sua identidade através das mudanças sociais e os desafios impostos pelo fundamento moral instável da sociedade contemporânea?

Fontes de Autoridade Teológica

Ao lidar com os desafios mencionados acima, algumas pessoas podem apelar para a tradição; outras, para a razão e experiência. Crentes bem intencionados podem apelar para a comunidade como a fonte de autoridade máxima. Infelizmente todas estas fontes supra-mencionadas, tão úteis e convenientes quanto elas possam ser, não são sólidas o suficiente para funcionar como o fundamento pétreo que a igreja necessita para enfrentar os desafios que estão à frente. A tradição como a fonte máxima de autoridade teológica foi examinada pelos Reformadores e verificada estar em falta comparada com a revelação bíblica. Tão boa quanto elas possa ser, e de fato existe tradição boa (veja 1 Co 11:2), a tradição em si mesma jamais pode operar como o fundamento máximo para as crenças e procedimentos da igreja. Por razão de sua própria natureza, a tradição está sempre mudando e facilmente se degenera em tradicionalismo. Como J. Pelikan, coloca: “Tradição é viver a fé dos mortos; tradicionalismo é a fé morta da vida.”¹ Embora não seja errada em si mesma, a tradição é deficiente como uma fonte superior de autoridade para julgar suas reivindicações e corrigir sua fonte. Mas o que dizer sobre a razão?

A razão poderia ser uma opção viável, mas que ela não é confiável foi suficientemente demonstrado pelas duas guerras mundiais que engolfaram a humanidade numa matança sem precedente em nossa curta história humana, a culminação das quais foi o Holocausto. Tais atrocidades, perpetradas por nações iluminadas, revelam que o intelecto iluminado não resiste o teste de confiabilidade absoluta em assuntos relacionados ao bem supremo. A respeito dos valores humanos e a busca pelo bem supremo, o ideal Cartesiano seguido pela obsessão do Iluminismo fazendo da razão a fonte suprema da autoridade provou além, de qualquer sombra de dúvida ser um fracasso total. A razão, como parte e porção da imagem de Deus na humanidade, tem um papel óbvio e indispensável na apreensão de informação e no processo do conhecimento. A razão, entretanto, também está profundamente afetada pelo pecado e portanto necessita de uma fonte de autoridade acima de si mesma para julgar e corrigir seus caminhos.

Mais recentemente, a comunidade tem avançado como uma opção viável para sustentar o lugar de autoridade máxima. De acordo com este ponto de vista a comunidade de crentes deve determinar a verdade e decidir o que é certo e o que é errado. Entretanto, a comunidade não é confiável como uma base para a autoridade suprema. Embora a comunidade repouse no centro do que significa ser uma igreja, e por mais que alguém possa valorizar a autoridade da comunidade, ela também foi afetada pelo pecado e como tal obviamente não está isenta do fracasso. Comunidades – religiosas e outras – têm perpetrado coisas horríveis contra seres humanos semelhantes.

No final do século vinte, comunidades inteiras chegaram perto da margem de serem aniquiladas por outras comunidades quer por razões religiosas, raciais ou outras. Desse modo, por mais que alguém possa respeitar a autoridade da comunidade, torna-se evidente que a comunidade não é uma fonte confiável para a autoridade máxima. A comunidade deve estar subordinada a uma autoridade mais elevada a fim de decidir o que está errado e o que está certo.² Na tentativa de evitar os problemas vinculados à razão, tradição e comunidade, alguém poderia sugerir que o Espírito Santo, por trazer iluminação para os crentes, permanece como o fundamento supremo da autoridade. Embora tal sugestão pareça ser absolutamente correta à primeira vista, deve ser mantido em mente que muitas vezes apelar para o Espírito se torna uma maneira sutil de legitimar a própria experiência subjetiva de alguém. Mesmo apelando para o Senhor Jesus Cristo como a fonte de autoridade suprema em questões teológicas, o crente corre o risco de argumentar sobre a base de um Jesus reconstruído de acordo com suas próprias preferências pessoais ou culturais.

O poder do Espírito e o senhorio de Jesus certamente desempenham um papel fundamental na solução de desacordos teológicos. Contudo, a pergunta que pode ser feita é como alguém pode estar seguro que um dado curso de ação está sendo guiado pelo Espírito e, portanto, representa o senhorio de Jesus. Novamente, nos apelos indiscriminados ao Espírito Santo ou a Jesus persiste o risco de substituir Jesus e/ou o Espírito com a razão/experiência, tradição ou comunidade, e portanto de identificar os desejos e preferências próprios de alguém com a vontade de Jesus e/ou a orientação do Espírito Santo.

Entre tais fontes de autoridade teológica importantes, embora limitadas e restritas, a Bíblia emerge como o padrão único e absoluto para julgar todas as outras autoridades. Tal postulado emerge naturalmente do exemplo de Jesus e as reivindicações auto-autenticadoras das próprias Escrituras.

Não requer demasiado esforço para notar que de acordo com os evangelhos, Jesus considerava as Escrituras como a corte suprema de apelo e repetidamente as mencionou para esclarecer uma questão ou estabelecer um debate. Em Seu apelo a uma passagem bíblica, Ele afirmou com absoluta convicção: “a Escritura não pode ser anulada” (Jo 10:34, 35, NVI).

As Escrituras reivindicam constantemente que aquilo que está sendo dito vem de Deus. Escrevendo para Timóteo, Paulo declarou “que desde criança você conhece as Sagradas Letras, que são capazes de torná-lo sábio para a salvação mediante a fé em Cristo Jesus. Toda a Escritura é inspirada por Deus, e é útil para o ensino, para a repreensão, para a correção e para a instrução na justiça, para que o homem de Deus seja apto e plenamente preparado para toda boa obra.” (2Tm 3:15-17, NVI). Este texto clássico confirma a origem divina da Bíblia com suas consequentes implicações para sua inspiração e autoridade. Ele avalia a Escritura como sendo útil e esclarece seu propósito: “torná-lo sábio para a salvação.”

Baseados na reivindicação das próprias Escrituras a respeito de sua origem e propósito, somos justificados em aceitar a Bíblia como a fonte máxima de autoridade. A Epístola aos Hebreus declara: “Deus, que várias vezes e de várias maneiras falou no passado aos pais pelos profetas, tem nestes últimos dias falado a nós pelo Seu Filho, a quem Ele designou herdeiro de todas as coisas, através de quem Ele também fez os mundos” (Hb 1:1, 2). Esta curta passagem ilustra e encapsula o cânon em sua totalidade. No Velho Testamento Deus nos fala “de várias maneiras... pelos profetas.” No Novo Testamento Deus nos fala “pelo Seu Filho.”

Portanto, somente as Escrituras são capazes de nos conduzir para fora do labirinto de tantas opções éticas e pontos de vista teológicos competindo por aceitação numa cultura de relativismo e consumismo. Somente pela aceitação das reivindicações auto-autenticadoras da Bíblia e levando em consideração sua autoridade absoluta a igreja será capaz de resolver seus dilemas teológicos e práticos e ainda permanecer unida sob o senhorio de Jesus Cristo.² A fim de conhecer o caminho que temos que trilhar como uma igreja como corporação e como membros individuais da igreja, não existe opção a não ser nos voltarmos para as Escrituras. Afinal, a Bíblia pronuncia sonora e claramente suas reivindicações auto-autenticadoras de ser a corte suprema de apelação em assuntos de teologia e prática para a igreja. Como a bem conhecida passagem de Isaías postula: “À lei e ao testemunho! Se eles não falarem de acordo com esta palavra, é porque não existe luz neles” (Is 8:20; cf. 2Tm 3:16-17).

Relevância das Escrituras

A revelação de Deus nas Escrituras é o meio mais objetivo e fundamental que Deus emprega para comunicar Sua vontade à igreja. Embora os desenvolvimentos modernos nas ciências sociais, semióticas e teoria linguística tenham enfatizado a importância dos vários meios e processos de comunicação – incluindo comunicação não verbal – a palavra permanece sendo o instrumento primário e fundamental para a interação e relacionamentos interpessoais.³ Dotados com a imagem de Deus, os humanos receberam do Criador a habilidade para a comunicação objetiva e verbal como nenhum dos outros seres criados que habitam este planeta. Como se isso não fosse suficiente, Deus revelou Sua vontade aos seres humanos por meio de palavras. E através da Bíblia Ele estabelece relacionamentos e dá orientação para Seu povo. O poder eficaz da Palavra de Deus na criação e regeneração, onipresente de Gênesis a Apocalipse, está expressa concisamente em Isaías 40:8: “A relva murcha, as flores caem, mas a palavra de nosso Deus permanece para sempre.”

A Palavra de Deus reivindica autoridade em todas as áreas e dimensões da vida individual e da igreja. Os sete pontos elaborados abaixo meramente exemplificam algumas áreas que precisam de atenção se desejamos ser fiéis às exigências abrangentes e graciosas das Escrituras.

1. Teólogos e professores de Bíblia têm a solene responsabilidade de colocar a erudição a serviço de Deus e Sua Palavra. Há mais de trinta anos, James D. Smart escreveu um livro intitulado: *O Estranho Silêncio da Bíblia na Igreja: Um Estudo em Hermenêutica*.⁴ Esta obra argumenta que embora a Bíblia tenha sido produzida em massa e seu conhecimento acadêmico tenha aumentado, este conhecimento não alcançou o povo. Todavia, o desafio crucial que a igreja enfrenta hoje não é a ignorância da mensagem da Bíblia, mas o silenciar de sua voz autoritativa. A leitura atenta de algumas obras bíblicas e teológicas recentes produzidas pelos assim chamados eruditos conservadores parece indicar o emudecer de algumas reivindicações centrais da Bíblia. Para exemplificar, poderia ser mencionado o ceticismo crescente de alguns estudiosos evangélicos a respeito da literalidade e historicidade do relato da criação de Gênesis unido a uma crescente disposição para aceitar a evolução.⁵ Esta situação coloca uma responsabilidade maior sobre os ombros dos estudiosos Adventistas. Com a variedade desorientadora das estruturas teóricas e opções metodológicas disponíveis na comunidade acadêmica, os estudiosos Adventistas devem usar habilidades críticas para adotar pressuposições e métodos corretos na interpretação da Bíblia. Outrossim, a combinação da integridade

acadêmica com a humildade permanece o padrão diante de cada estudioso da Bíblia e teólogo. A autoridade do intérprete bíblico deve estar subordinada àquilo que a Bíblia diz, e opiniões particulares devem ser humildemente submetidas à avaliação das observações atentas e, finalmente, da igreja em geral. Integrando trabalho competente com piedosa confiança no Espírito, teólogos e professores de Bíblia continuarão a ser uma bênção para a igreja, visto que eles a ajudam a entender melhor e aplicar a Palavra de Deus. As palavras de Malaquias ditas aos sacerdotes Israelitas, se aplicam adequadamente aos teólogos e professores de Bíblia Adventistas: “Porque os lábios do sacerdote devem guardar o conhecimento, e da sua boca todos esperam a instrução da Lei, porque ele é o mensageiro do SENHOR dos Exércitos” (Ml 2:7, NVI).

2. Os líderes da igreja devem permitir que a Bíblia determine seu estilo de liderança. Tem sido reconhecido que a Bíblia é “a maior coleção de estudos de caso de liderança já escrita, com critérios tremendamente úteis para os líderes e administradores de hoje.”⁶ Porém em assuntos de liderança e administração da igreja a Bíblia é essencial não apenas por causa de seus “estudos de caso”, mas por causa de seus princípios de liderança contidos nela. Técnicas de administração de negócios e iniciativas de marketing podem ter um lugar na corrida por toda parte da igreja, porém sem a Bíblia estas ferramentas úteis por outro lado podem se tornar nada mais do que modelos seculares de eficiência e profissionalismo. Os líderes da igreja são chamados não apenas para promover a pregação de Jesus, mas também para seguir o estilo liderança e administração de Jesus. Os líderes da igreja não são chamados para agir e se comportar como CEOs, mas para serem líderes como Jesus: “Pastoreiem o rebanho de Deus que está entre vocês, servindo como supervisores, não por compulsão mas de boa vontade, não por ganho desonesto mas zelosamente; nem como sendo senhores sobre aqueles confiados a vocês, mas sendo exemplos para o rebanho; e quando o Pastor Principal aparecer, vocês receberão a coroa de glória que não desvanecerá” (1Pe 5:2-4).⁴

3. A oração, uma disciplina espiritual óbvia usualmente aceita como garantida, deve ter uma orientação bíblica. De acordo com a Bíblia, a oração deve ser oferecida com um reconhecimento da santidade de Deus e da pecaminosidade humana. A oração bíblica não funciona como um mantra para manipular a Deus, mas como um meio de comunicação e comunhão entre os pecadores penitentes e um Criador e Redentor misericordioso. A passagem a seguir capta uma importante dimensão da oração bíblica: “Busquem o Senhor enquanto Ele pode ser achado, clamem por Ele enquanto Ele está próximo. Que o ímpio abandone o seu caminho, e o homem injusto seus pensamentos; volte-se ele para o Senhor, e Ele terá misericórdia de ele; e para nosso Deus, porque Ele perdoará abundantemente. ‘Pois os Meus pensamentos não são os seus pensamentos, nem são os seus caminhos os Meus caminhos,’ diz o Senhor” (Is 55:6-8).

4. O evangelismo deve continuar bíblicamente orientado. Embora existam muitas maneiras legítimas de motivar as pessoas para virem a Jesus, a pregação da Palavra deve permanecer central nos discernimentos da missão da igreja. Junto e acima de diferentes métodos empregados para atraírem pessoas a Jesus, devem ser feitos esforços robustos para levar as pessoas a confiarem na Palavra de Deus e a seguirem o Jesus revelado nela. Assim o evangelismo em suas múltiplas expressões não deve apenas proclamar a pessoa de Jesus, mas deve também convidar as pessoas a obedecerem a Jesus e a serem fiéis à Sua mensagem como revelada nas Escrituras. O evangelismo verdadeiro honra as Escrituras. Quando convocado diante do Rei Agripa, Paulo esclareceu que sua pregação não pretendia dizer “nenhuma outra coisa além daquilo que os profetas e Moisés disseram que aconteceria” (At 26:22). E, na continuação, o apóstolo fez ao monarca a pergunta decisiva: “Rei Agripa, você crê nos profetas?” (At 26:27).

5. A educação Cristã também deve estar condicionada à revelação Escriturística de Deus. Essa educação em seu sentido supremo deve levar em consideração a palavra de Deus claramente expressa pelas admoestações da sabedoria de Deus em muitas passagens bíblicas que enfatizam as instruções/lei/testemunhos do Senhor como a fonte de sabedoria. O maior capítulo da Bíblia, o Salmo 119, é inteiramente devotado a exaltar os benefícios da Torá, a revelação de Deus, para o crescimento espiritual e intelectual dos filhos de Deus. No mesmo sentido, a literatura sapiencial da Bíblia dos Hebreus não poupa palavras para advertir e admoestar aqueles que estão em busca da sabedoria para apreciarem a palavra de Deus. Com uma percepção acurada do que a Bíblia significa para a educação, Martinho Lutero escreveu esta declaração muito citada: “Receio muito que as universidades se revelem grandes portas do inferno, a menos que diligentemente trabalhem para explicar as Santas Escrituras, e gravá-las no coração dos jovens. Não aconselho ninguém a pôr seu filho onde as Escrituras não reinem supremas. Toda instituição em que os homens não se achem incessantemente ocupados com a Palavra de Deus tem de tornar-se corrupta.”⁷ Por essa razão é relevante o apelo de Deus a Seus filhos: “Obtenha sabedoria! Obtenha entendimento! Não se esqueça, nem se desvie das palavras da minha boca” (Pv 4:5).

6. O ministério da música é uma área importante da vida da igreja que precisa estar fundamentado na Bíblia. A música pode sobrepujar muitas formas de comunicação como um meio de comunicar a verdade. Pode haver muitos Cristãos que não conhecem bem a Bíblia, mas dificilmente existe uma pessoa que não conhece vários hinos ou canções evangélicas. Conflitos envolvendo estilos de música e instrumentos musicais têm engolfado algumas congregações, porém tão importante quanto o estilo de música e os instrumentos de música possam ser na criação da atmosfera

correta para a adoração, não deve ser esquecido a importância da canção e dos hinos líricos. A mensagem dos hinos e canções deve estar em harmonia com o ensino da Escritura. Compositores e músicos da igreja têm o dever sagrado de fazer e executar a música da igreja de tal maneira que ela seja um meio para comunicar uma mensagem consistente com o caráter de Deus revelado nas Escrituras: “Cantai louvores a Deus, cantai louvores! Cantai louvores ao nosso Rei, cantai louvores! Porque Deus é o rei de toda a terra; cantai louvores com entendimento” (Sl 47:6, 7).

7. O culto da igreja deve dar um lugar importante para a leitura das Escrituras. O culto de adoração não deve se tornar um lugar para tantos anúncios e comunicados das atividades e programas da igreja que dificilmente algum tempo seja deixado para a exposição da Palavra de Deus. Quando o povo de Deus se reúne para adorar, ele precisa receber a Palavra de Deus para ajuda-lo a enfrentar as provações, desencorajamentos e desafios da vida cotidiana. Nada deve prejudicar ou substituir a proclamação da Palavra. Pregadores que usam o púlpito para contar histórias pessoais sem exposição bíblica responsável ou que usa o púlpito para o mero entretenimento de suas audiências estão traindo seu chamado e profanando o púlpito. O que Paulo escreveu em 1Coríntios 2:2 deve se tornar o ponto de orientação de todo pregador: “Porque determinei não saber nada entre vocês a não ser Jesus Cristo e Ele crucificado.” Nossa pregação e exposição devem ser baseadas no estudo e investigação apropriados das Escrituras. A Bíblia não funciona meramente como um livro de receitas ou um livro de referência. A Bíblia nem sempre oferece respostas prontas e fáceis para algumas das circunstâncias desafiadoras da vida. Alguém pode não encontrar uma passagem ou verso específico para cada enfermidade espiritual ou problema pessoal.⁸ Mas a Bíblia, se interpretada corretamente, certamente provê respostas finais para muitas das questões cruciais da vida – e até mesmo para assuntos relacionados à igreja – porque a relevância da Bíblia transcende a soma de suas partes individuais. Como o registro escrito do plano abarcante de Deus para redimir o mundo do pecado, a Bíblia supre o povo de Deus com uma cosmovisão, uma meta-narrativa que se estende desde a criação até a nova criação. Embora passagens e textos individuais possam trazer conforto nas situações de tristeza e sofrimento, e até mesmo prover orientação para circunstâncias específicas, jamais deve-se perder de vista as interconexões orgânicas das várias passagens e temas da Bíblia no grande panorama do plano da salvação. Portanto, incumbe a todo pregador tornar a unidade, verdade e autoridade da Bíblia claras e acessíveis para toda a audiência. Os pregadores devem prestar atenção no conselho de Paulo a Timóteo: “Seja diligente para apresentar-se aprovado a Deus, um obreiro que não precisa ser envergonhado, partilhando corretamente a palavra da verdade” (2Tm 2:15).

Conclusão

Como argumentado acima, a Bíblia permanece como o fundamento absoluto sobre o qual a igreja deve basear sua teologia e práticas. Como Paulo enfatizou em Efésios 5:25-27: “Cristo amou a igreja e entregou-se por ela, para santificá-la, tendo-a purificado **pelo lavar da água mediante a palavra**, e para apresentá-la a si mesmo como igreja gloriosa, sem mancha nem ruga ou coisa semelhante, mas santa e inculpável” (ênfase suprida). Portanto, a fim de permanecer fiel ao Senhor, a igreja deve continuar a sustentar a Palavra de Deus como a autoridade suprema para determinar suas crenças e julgar sua experiência e prática.

1 Jaroslav Pelikan, *The Vindication of Tradition, The 1983 Jefferson Lecture in the Humanities* (New Haven: Yale University Press, 1984), p. 65.

2 Veja o estudo realizado por Kwabena Donkor, “*Contemporary Responses to Sola Scriptura: Implications for Adventist Theology*” nesta edição de *Reflexões*.

3 Veja Vern S. Poythress, *In the Beginning was the Word: Language: A God-Centered Approach* (Wheaton, IL: Crossway Books, 2009), pp. 11-38.

4 James D. Smart, *The Strange Silence of the Bible in the Church: A Study in Hermeneutics* (Philadelphia: Westminster Press, 1976), p. 142.

5 Veja, e.g., Peter Enns, *The Evolution of Adam: What the Bible Does and Doesn't Say About Human Origins* (Grand Rapids, MI: Brazos Press, 2012); John H. Walton, *Genesis 1 as Ancient Cosmology*. (Winona Lake, IN: Eisenbrauns, 2011); Waltke, Bruce K. and Charles Yu, *An Old Testament Theology: An Exegetical, Canonical, and Thematic Approach* (Grand Rapids, MI: Zondervan, 2007), p. 153.

6 Lorin Woolfe, *The Bible on Leadership: From Moses to Matthew: Management Lessons for Contemporary Leaders* (New York: MJF Books, 2003), ix. p. 6.

7 Citado em Mark Water, *The New Encyclopedia of Christian Quotations* (Alresford, Hampshire: John Hunt Publishers, 2000), p. 129. Também em Ellen G. White, *O Grande Conflito*, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 2008), pp. 140, 141.

8 Veja Ekkehardt Mueller, “*Hermeneutical Guidelines for Dealing with Theological Questions*,” *Reflections* 40, Outubro 2012. “*Reflexões*” procura compartilhar informações concernentes a desenvolvimentos doutrinários e teológicos entre os Adventistas e a manter a unidade doutrinária e teológica na igreja mundial. Sua audiência alvo são os administradores da igreja, os líderes da igreja, pastores e professores.